

ALEMANHA

Votação acirrada é teste para Merkel

Chanceler é favorita, mas deve ter de formar coalizão para governar

Renata Miranda
 ENVIADA ESPECIAL
 BERLIM

Mais de 60 milhões de eleitores vão às urnas hoje para definir o futuro governo da Alemanha, em uma votação marcada pela incerteza. Apesar de favorita, a União Democrata Cristã (CDU), da chanceler Angela Merkel, terá de lutar para conseguir governar sozinha, de acordo com analistas.

"Obter a maioria no Parlamento será difícil tanto para a CDU como para o Partido Social Democrata (SPD)", afirmou ao Estado o cientista político Josef Schmid, da Universidade Tübingen. "No momento não podemos descartar nenhum cenário, mas é bem possível que a Alemanha tenha de novo uma grande coalizão."

CDU e SPD passaram o último governo dividindo o poder, o que dificultou a troca de ataques na campanha. Ambas as legendas, porém, já deixaram claro que não pretendem continuar a parceria. Uma alternativa para a CDU seria tentar formar um governo com o Partido Liberal (FDP).

"Chegamos a um ponto em que as questões importantes para o país não são mais discutidas. A única pergunta que tentamos responder ultimamente é que tipo de coalizão a Alemanha terá", explicou Felix Butzlaff, professor da Universidade Göttingen.

O clima de incerteza que vem tomando conta do país nos últimos dias é resultado de uma campanha considerada sem graça pela população e pela imprensa. Em uma sondagem do Instituto Forsa, 84% dos eleitores definiram a campanha como "tediosa".

A falta de discussão de propostas concretas é um dos motivos da falta de interesse do eleitorado. "Os candidatos preferiram se concentrar em temas superficiais", disse o analista político Gero Neugebauer, da Universidade Livre de Berlim. "Os candidatos não querem falar de propostas concretas, como a saída dos soldados alemães do Afeganistão ou o desemprego, porque, na verdade, nenhum deles tem a solução para essas questões."

CAMPANHA ONLINE

A internet, protagonista da campanha presidencial americana e dos protestos pós-eleitorais do Irã, tem desempenhado um papel secundário no processo de votação alemão. Apesar dos esforços dos partidos para aumentar a base de apoio online, o uso de redes sociais ainda é pequeno.

No site de relacionamentos Facebook, por exemplo, a página de Merkel tem 17 mil partidários cadastrados – uma fração insignificante se comparada aos mais de 6 milhões que fazem parte da comunidade do presidente americano, Barack Obama.

"Perto dos EUA, os partidos alemães ainda estão atrasados. Eles não souberam usar a internet na campanha", disse Peter Matuschek, chefe do Departamento de Pesquisa Política e Social do Instituto Forsa.

➔ **A repórter** viaja a convite do governo alemão



CAMPANHA - Berlinense pega panfleto no quiosque da União Democrata Cristã (CDU), de Merkel: 84% da população acha a eleição 'tediosa'

Opositor pode surpreender

Partido ganha apoio ao defender saída do Afeganistão

BERLIM

Um dos partidos que vem ganhando mais destaque na Alemanha é a Esquerda, grupo formado em 2007 por dissidentes do SPD em aliança com o antigo Partido de União Socialista, da Alemanha Oriental. Segundo o vice-presidente da Esquerda, Halina Wawzyniak, fazer parte do governo não é uma prioridade para esta eleição. "O que realmente queremos é continuar na oposição", disse Halina. No entanto, ela não descarta fazer parte de coalizões com o SPD ou com o Partido Verde.

O candidato do SPD, o ministro do Exterior Frank-

Walter Steinmeier, disse que é contra uma aliança com a Esquerda no governo federal. Já o Partido Verde admite uma coligação com ressalvas.

"Temos um eleitorado em comum com a Esquerda, mas as promessas deles são irresponsáveis", afirmou o conselheiro estratégico dos Verdes, Stephan Schilling. "A saída dos soldados alemães do Afeganistão é uma dessas promessas. Se sairmos de lá agora, o pequeno progresso que conquistamos seria destruído pelo Taleban."

A Esquerda, fundada pelo ex-social-democrata Oskar Lafontaine, defende a retirada imediata dos 4,2 mil soldados alemães em missão da Organização do Tratado do Atlântico

Norte (Otan) no Afeganistão. No início do mês, um atentado ordenado por um comandante alemão na Província de Kunduz matou civis e contribuiu para o aumento de críticas à presença dos soldados no Afeganistão. Desde então, o apoio ao Partido A Esquerda aumentou – uma pesquisa recente realizada pelo Instituto Forsa colocou em 14% as intenções de voto para a legenda.

"A Esquerda tem o poder de nos surpreender na votação, principalmente por causa de suas propostas sociais e do compromisso de tirar os soldados do Afeganistão", disse Schmid. "Algumas vezes, a promessa de liberdade e de uma terra livre pode ser muito atraente." **OR.M.**

Artigo

Chanceler lidera uma revolução silenciosa

Alan Posener*
 THE GUARDIAN

É preciso ter cuidado com prognósticos. Lembro-me de ter escrito um artigo na noite do confronto entre George Bush e Al Gore, dizendo que aquela seria provavelmente a mais entediante eleição da história americana e, na verdade, não importava quem seria o vencedor, porque ambos eram duas figuras insossas e sem carisma, e de qualquer

maneira nenhum deles particularmente interessado em política externa. E então fui dormir. O resto é história: primeiro o que ocorreu com a eleição na Flórida, depois os ataques de 11 de Setembro, o Afeganistão, Iraque e assim por diante.

Mas acho que é uma aposta bastante segura dizer que após a eleição geral de hoje na Alemanha, Angela Merkel continuará no cargo de chanceler. A única questão é se o seu ministro do Exterior será o social-democrata, hoje titular da pasta, Frank-Walter Steinmeier ou o seu concorrente do partido Liberal, Guido Westerwelle.

O que, na realidade, não tem importância, pois Merkel é uma

mulher independente e criadora de sua própria política externa.

E tem sido uma revolução silenciosa. O antecessor de Merkel, o volátil Gerhard Schroeder, conseguiu manobrar para encerrar a Alemanha num canto em que o seu único amigo era a Rússia. Schroeder enraiveceu os EUA ao se opor ferrenhamente à aventura do Iraque: ajudou Jacques Chirac a dividir a União Europeia em "Velha Europa" e "Nova Europa", embora o sucessor de Chirac, Nicolas Sarkozy, obviamente quis reparar essa brecha e se recompor com americanos e britânicos; Schroeder chocou os poloneses e outros membros do Leste Europeu por sua

proximidade com Vladimir Putin e a assinatura de um acordo para o gás russo ser enviado para a Alemanha pelo mar Báltico. Em resumo, Schroeder foi uma catástrofe.

Merkel tirou a Alemanha desse canto em que estava encurralada. Embora o seu relacionamento com Barack Obama não seja tão caloroso como foi sua amizade com Bush, eles têm uma relação de trabalho. Do mesmo modo, apesar de os temperamentos serem diferentes, ela e Nicolas Sarkozy compartilham a mesma visão: ambos sabem que a Europa não pode e não deve se opor aos EUA.

Quanto à Rússia, a chanceler é franca sobre a vergonhosa si-

tuação dos direitos humanos do país, ela tem dado um silêncio, mas decisivo, apoio ao projeto de oleoduto Nabucco, que trará o gás da Ásia Central para a Europa através da Turquia, passando pela Rússia.

O interessante é que Merkel conseguiu esse realinhamento sem criar um tumulto na Alemanha. O que é uma verdadeira façanha, uma vez que Schroeder foi reeleito em 2002 sobretudo por causa do apoio público à sua posição antiamericana. A eleição de Barack Obama ajudou, assim como a saída de Tony Blair. A guerra da Geórgia também contribuiu para dissipar quaisquer simpatias que os alemães ainda pudessem nutrir pe-